A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.° 26 | Domingo 25 de junho | 1893

VENANCIO DESLANDES

QUEM contempla as nossas extensissimas campinas litterarias, avista ao longe, dominando serros e valleiras, um alcaçar torrejado. Ufano de boas e sans tradições, já seculares, ergue-se este alcaçar com todo o arreganho da sua importante missão typographico-litteraria.

Aquillo é uma colmeia de trabalho constante; um farol a irradiar luz para todo o Reino; uma escola a ensinar e agasalhar desde a infancia operarios do mais nobre dos mistéres; uma bibliotheca em perpetua creação e ebullição intellectual; um castello bem apercebido para o combate da luz contra as trevas; um Colliseu para as emulações nobres da Arte; é emfim, e sobretudo, um templo, onde se presta culto ao bom e ao bello.

Esse alcaçar, contemplado e abençoado por tanta gente, é a Imprensa Nacional. O alcaide-mór d'esse castello, ou (se quizerem antes) o sacerdote maximo d'esse templo, é Venancio Deslandes.

Saudemos pois a Imprensa Nacional de Lisboa, e commemoremos, em poucas linhas sequer, o seu applicado, consciencioso, e distinctissimo Administrador geral.

É que este não é uma personalidade vulgar na nossa boa e intima familia portugueza. Tem conseguido levantar-se alto na consideração dos seus conterraneos, e levantar alto na admiração dos estrangeiros o nobre estabelecimento que administra.

O attavismo manifestou-se de fórma indiscutivel na indole e no gosto artistico do actual chefe da Imprensa Nacional. Pelas maneiras, é um Francez do *grande seculo;* pelas tendencias do espirito, é um Impressor dos aureos tempos da Arte.

Descende de Francezes illustres e illustrados; e mantém as tradições do sangue. Descende de peritissimos cultores do Prelo; e mantém o amor que os ennobreceu e os tornou filhos dilectos de Guttenberg.

*
* *

Junto á tarefa litteraria, hombreando com ella, aviventando-a, realçando-a, apparece a tarefa typographica. São duas emulações, duas amisades, duas fecundações, dois corações fundidos n'um só.

O Homem de lettras e o Typographo mutuamente se apreciam e comprehendem.

O Homem de lettras é o pensamento; o Typographo é a palavra.

Aquelle, cria; este multiplica e reproduz.

Aquelle é a alma; este é o corpo.

Ambos álerta, ambos na faina, um sem o outro seria nada.

E emquanto o resto da Humanidade, entregue ás suas variadissimas concepções, prosegue nos seus variadissimos caminhos, aquellas duas entidades, o Homem de lettras e o Typographo, lidam n'um proposito firme: encarnar e diffundir a luz do pensamento humano.

É espantoso o que produz, o que lavra, o que transforma, o que vivifica, a ideia litteraria! mas é não menos para assombros o que diffunde, o que extirpa,

o que semeia, o que transporta civilisação, de um cabo a outro do globo, esta extraordinaria potencia chamada Typographia!

E note-se que, assim como a Litteratura tem ao seu serviço as Bellas-Artes, as Sciencias, a Historia, todos os ramos emfim do saber humano, a Typographia vê ao seu lado, como auxiliares promptissimas, a Lithographia, a Gravura, a Chromolithographia, a Cunhagem, a Photogravura, a Fundição, o Desenho, a fabricação do papel e das Tintas, e em summa quantas outras forças prodigiosas, que ella desde quatro seculos tem sabido accorrentar ao seu serviço soberano.

Em tudo isto se tem lidado, e se lida com affinco, entre nós. Se a faina litteraria é grande, a faina typographica não é somenos.

Quem não conhece os gloriosos pergaminhos da Imprensa Nacional?

Quem não avalia como ali se trabalha?

Quem não vê que de esforços, que de intelligencia, que de saber, teem accumulado, desde muitas dezenas de annos, os Administradores, os Directores das varias officinas, os artistas em tão diversas especialidades, congregados ali com sabia selecção?

Quem não presenceia quanto fructo bellissimo produz aquelle estabelecimento-escola, com approvação dos Governos, e da opinião publica?

Dirigir, encaminhar com acerto uma casa de tal importancia, hoje, em vista dos aperfeiçoamentos modernos, é tarefa herculea. Apontar commandante para tamanha nau, foi sempre melindroso.

Na nossa terra, onde (por via de regra) se não escolhem os homens para os officios, mas os officios para os homens, havia todo o risco em vêr ir parar aquella administração melindrosa a mãos de todos alheias ao officio, e vêr portanto descahir o nivel technico e artistico da arte elzeviriana em Portugal.

Por felicidade, e graças ao grande e benemerito Duque de Avila, veiu a caber o difficil encargo ao neto dos Deslandes, ao mantenedor das honradas e luzidas fragoas typographicas de uma familia celebre, familia cujo nome, cujas obras, cuja esclarecida cooperação no movimento intellectual dos seculos XVII e XVIII, formavam, por assim dizer, um morgado de tradições.

Cultivar esse morgado como typographo e como litterato, administral-o como sendo da familia, zelal-o com fé e amor, e por modo que os olhos da Europa e os da culta America septentrional achassem que admirar n'este cantinho do mundo, tudo isso pertenceu, e de modo muito distincto, ao Conselheiro Deslandes.

Acceitou a nomeação, e compenetrou-se affoito e animoso das suas responsabilidades. É um sybarita em assumptos de gosto. Achou-se pois desde logo bem, e á vontade, no seu logar.

Tudo elle compara, medita, estuda, antes da execução; e se a sua gerencia é prudente e sabia, verdade é que elle acha em volta de si um pessoal de rara dedicação e pericia.

Altos estudos brilhantemente concluidos em Coimbra descerraram-lhe vastos horisontes scientificos, que lhe robusteceram o animo. Viagens, leituras, meditações, desenvolveram-lhe o apurado gosto nativo; e hoje póde dizer-se que o Administrador geral personifica dignamente o estabelecimento que rege.

*

* *

Se é bello vêr como elle se empenha em afinar com perspicacia e conhecimento technico a execução de qualquer obra que d'ali sae, é encantador ir depois surprehendel-o no seu mundo intimo de familia, entregue ás delicias obscuras do lar, consagrando respeitoso e acrisolado affecto a sua mãe octogenaria, e vigiando, na doce companhia de uma esposa dedicada, a educação de duas filhas.

São estas dois lindos livros em oitavo, poesia toda do Céo, e conseguem doirar com uma luz de aurora as neves invernosas que, mais ou menos, principiam a accumular-se no caminho de um tão bom Pae.

Estes dois voluminhos ultimos da extensa bibliographia Deslandesiana... estou em dizer que são as mais queridas d'entre todas as obras-primas ao coração do neto dos Deslandes e dos de La-Coste.

Creanças, passaros, e flores, são lá a paixão d'elle. Queria o leitor que eu lhe dissesse que ainda era mais amigo da typographia, do que das flores, dos passaros, e das creanças? Não direi; o que affirmo é que o *typographo* Deslandes se completa no elegante, no amador de livros raros, de flores raras, de passaros cantores que lhe enfeitiçam a vivenda; e sei que o amoravel coração d'elle vive principalmente do amor paternal que o enche a trasbordar.

Verdade verdade: n'esse coração cantam melhor ainda as vozes d'aquellas duas creanças a desabrochar, do que os gorgeios do passaredo, e até mesmo do que o musical estrondear dos prelos em dia de grande faina, ou em vespera de apparecimento de uma edição bijou.

Os prelos são o officio, são a prosa, são o dever; ellas, as duas..., são o coração, são a poesia, são o amor.

Ao saudar pois o Administrador geral da Imprensa Nacional, não pude deixar de ver no funccionario benemerito o filho dedicado, e o pae estremecido.

J. DE C.

No proximo numero, medalhão do Dr. Bernardino Machado. Artigo do Dr. José Frederico Laranjo.

MINUÊTE

Vae dançando o Minuête
A Duqueza, em passos d'ave,
Tic, tac,
No tapête,
A Duqueza, em passos d'ave,
Vae dançando o Minuête.

Prende a saia côr de rosa
Com dois dedos, levemente,
Tic, tac,
Graciosa,
Com dois dedos, levemente,
Prende a saia cor de rosa.

Tem gentis chapins vermelhos,
De setim, auri-luzentes,
Tic, tac,
Como espelhos,
De setim, auri-luzentes.
Tem gentis chapins vermelhos.

Empoada á marechala,
Ao sorrir, tudo illumina
Tic, tac,
Pela sala,
Ao sorrir, tudo illumina,
Empoada á marechala.

Poz subtis *mouches* na face.
Lembra a aurora que de leve
Tic, tac,
Se estrellasse,
Lembra a aurora que de leve
Poz subtis *mouches* na face.

Em galante reverencia,
O Marquez, defronte, avança
Tic, tac,
Com sciencia,
O Marquez, defronte, avança,
Em galante reverencia.

Traz a veste avelludada
De escudeiro da rainha,
Tic, tac,
Sob a espada,
De escudeiro da rainha
Traz a veste avelludada.

É gentil como uma flôr,
Em duellos e em amores
Tic, tac,
Vencedor,
Em duellos e em amores
É gentil como uma flôr.

E ao trillar do Minuête,
Tem nos madrigaes a esgrima,
Tic, tac,
Do florête,
Tem nos madrigaes a esgrima,
Ao trillar do Minuête.

DANIELLA.

CHRONICA ELEGANTE

A' hora em que principio esta chronica, a chuva cae do ceo em grossas bategas, rufando nos vidros da minha janella — tal qual como succede nos mezes de dezembro e janeiro, quando tenho espetado no meu toucador, entre o crystal e a moldura do espelho, um amavel cartão que me convida para um baile ou para um *raout*.

Infelizmente, d'esta vez, tenho de resignar-me a ouvir cahir a chuva, sem esperança de ter de vestir a casaca para ir esquecer-me dos rigores asperrimos d'uma noite de inverno, no recanto de um salão elegante.

E' que realmente ninguem podia esperar isto na vespera de S. João! Se o santo precursor, que a tradição representa vestido de pastôr, com uma simples pelle de cabrito em volta dos rins, conduzindo ao lado um manso cordeirinho dos montes, tivesse de sahir hoje da sua gruta, para sorrir aos romeiros, ver-se-hia na necessidade de abrir um guarda-chuva e de usar galochas, preparando-se assim contra os perigos de uma bronchite aguda ou de uma pneumonia dupla.

Já não ha que fiar em tradicções! Em vez de se accenderem, ao ar livre, as alegres fogueiras em que se queimam, n'esta noite, as mysteriosas alcachofas, torna-se quasi indispensavel acender de novo os fogões de sala! E se esta melancholia se sente nas cidades, imagine-se o que se passará no campo, para onde já partiu quasi toda a gente da nossa sociedade, fugindo ás noites abafadiças de Lisboa!

Em Cintra, onde a vegetação está no seu periodo mais exhuberante, os dias teem decorrido tristonhos e frios, sob um céo toldado de nuvens. O castello da Pena, em cuja torre fluctua já o pavilhão real, desapparece por entre a espessura dos nevoeiros, e pela encosta da serra correm estrepitosamente as aguas fluviaes! É de arripiar!

Espero comtudo que o céo em breve appareça claro e azul, que o sol illumine a montanha, avivando e alegrando o esmalte da verdura, e que os *pic-nics*, que se projectam, me dêem assumpto para estas chronicas.

Já ali se acham, além de Suas Magestades e Altezas, os srs. Condes de Bray e filhas, Costa Motta e familia, Monsieur e Madame de Rosty, Antonio de Serpa e familia, Monsieur e Madame Komarow, Antonio de Vasconcellos e Sousa e familia, e são esperados os srs. Condes de Sabugosa, Monsieur e Madame Chevitch, Condes de Gouvêa, etc. etc.

— Partiu, a bordo do vapor *Portugal*, para o estrangeiro, o sr. Vianna de Lima, illustre ministro do Brazil, acompanhado de sua esposa.

O sympathico diplomata dirige-se a uma das estações thermaes da Allemanha, onde conta passar dois mezes de verão.

GRAZIEL.

O DEVER

A meio da linha do caminho de ferro, que vae do Porto á Povoa de Varzim, a casa do guarda, entre Modivas e Mindello, ainda não estava concluida, quando o mez de janeiro de ha quinze annos foi assignalado por successivos temporaes. Quem ali estava a guardar a linha, para vigiar a estrada, e dar o signal aos comboios que passavam, era uma pobre mulher da Azurara, que ficára viuva de um tripulante, sem recursos e com um filhinho de oito mezes nos braços. Como não tivesse outros meios, aceitou ella o emprego, e foi habitar com o filho uma triste choupana, que ficava á beira da estrada, e no sopé de um outeiro eriçado de mato e com dous ou tres pinheiros bravos, no alto, um pouco inclinados pela violencia das nortadas. Ao lado da choupana, e cercada por uma sebe, fizera a pobre viuva uma hortasinha plantada de couves. Por entre as urzes do monte corria a pequena distancia um delgado veio d'agua, que ella aproveitava para seu uso e para regar a horta.

Nos dias claros de sol, quando não havia muito vento, sahia ella com o filhinho nos braços, e ali passava as horas, esperando attenta o silvo da locomotiva que se annunciava. Entrava então na choupana, pegava na bandeira verde, e, collocando-se á beira de um talude, ali a desenrolava, como signal que não havia obstaculo na parte da linha que estava sob a sua vigilancia. E duas vezes ao dia, uma ás oito horas da manhã, quando o comboio seguia para a Povoa, e outra ás quatro da tarde, quando regressava ao Porto, a mulher apparecia, de pé, sobre o talude, com o braço erguido e a bandeira desfraldada no ar.

E, apezar de viver n'aquella solidão, n'uma triste choupana coberta de colmo já ennegrecido pelo tempo, a viuva não se sentia muito abandonada, porque lhe bastava a hortasinha para se alimentar e a companhia do filho, que era todo o encanto dos seus olhos e do seu coração.

Mas chegaram as inclemencias do inverno, com dias tempestuosos, noites de chuva e de vento, e a pobre mulher via-se forçada a não sahir para fóra da choupana, aquecendo-se e ao filhinho á fogueira de alguns ramos seccos, que acendia, quando era mais intenso o frio.

Dias e dias assim, e o ceo sempre toldado de nuvens escuras, o vento a agitar a casa, a chuva a cahir torrencial, e até o bramido do mar, ao longe, em que a pobre viuva parecia escutar as afflictivas lamentações dos naufragos!... Era tão triste!

*
* *

Foi então, por uma noite de grande temporal, que ella accordou sobresaltada, ouvindo gemer o filho. Ergueu-se afflicta, e correu para o berço, que estava já coberto de agua. O vento soprava com uma violencia desabrida, abalando e desconjunctando a choupana. Ouvia-se fóra o ribombar dos trovões e o marulhar da agua que se precipitava em torrentes pelos barrocaes do monte, arrastando pedras e inundando tudo.

A viuva retirou o filhinho do berço, achegou-o ao calôr do seio, e fugiu espavorida para fóra da choupana. Ao fuzilar sinistro de um relampago, a estrada ficou um instante illuminada. E n'esse rapido clarão, viu a mulher os destroços que o temporal havia causado. A linha estava obstruida por enormes pedras impellidas do monte e pelas enxurradas. Uma parte do talude tinha abatido. A chuva continuava a cahir e a alagar tudo! Era impossivel que o comboio da manhã ali passasse, sem que houvesse um grande desastre!

A primeira estação ficava distante meia legua. Para evitar o desastre do comboio, era preciso que alguem fosse prevenir o telegraphista.

Então, quasi não pensou no filho! Com elle nos braços, sem conseguir aquecer-lhe o corpinho gelado, a pobre mulher metteu-se a caminho.

E por aquella noite tempestuosa, sinistra, medonha, sob a inclemencia da chuva torrencial, do vento e do frio, lá

FOLHETIM

UMA FLOR D'ENTRE O GELO

II

O cahir das folhas, o desenflorar da relva, os gemidos das aves, e as sombras errantes que as nuvens projectavam pelos campos, tudo parecia harmonisar-se tristemente com o scismar interrogativo do velho, com o suspirar do mancebo, com as lagrimas da donzella e com o abraço convulso da mãe, cingindo ao seio, em um phrenetico movimento, as cabeças louras das creanças que lhe sorriam.

Era a vida a declinar; a consciencia de um fim proximo a reprimir aspirações a um longo futuro de mais prazeres e gosos.

Vacillantes entre um passado risonho e um provir tenebroso e incerto, entre a saudade do que foi e o medo do que ha de ser, esses pobres desconfortados sorriam ainda, animavam-se, davam uns aos outros esperanças que não sentiam em si.

Ás vezes desapparecia de entre elles um rosto conhecido, fechava-se uma casa.

Resolvera-se para esse o problema, terminara a incerteza. Ou o arrebatara a morte aos seus mysterios ou o restituira a saude ás suas alegrias. E, conforme uma ou outra d'essas soluções, assim o desalento ou a esperança se divisavam por dias no resto dos companheiros que ficavam.

Lettras gravadas nos troncos das arvores attestavam as recordações saudosas dos que tinham passado alli. Os sovereiros e as faias eram os confidentes silenciosos de muita paixão secreta, de muita illusão desvanecida, de muito coração despedaçado. Quantas lagrimas elles teriam sentido correr, ao receberem aquellas enigmaticas memorias de um ser ausente que chorava tambem, ou, amarga idéa e quasi sempre mais verdadeira, que se esquecia e que por isso mesmo mais amado era ainda! Mysterios do coração!

Estas lettras, destinadas a durar talvez mais do que a mão que as gravava, documentava muita historia triste, dramas ignorados, cujo ultimo acto se representara n'esses sitios, que assim conservavam d'elle os derradeiros vestigios.

Nas paredes caiadas da capella do monte o lapis reproduzira memorias eguaes ás que se viam gravadas nos troncos, e outras menos concisas, que mais facilmente trahiam o pensamento que as dictara.

Inscripções innumeraveis, irregulares, amontoadas, por vezes illegiveis, cobriam-as até a altura a que podia attingir o braço.

Phrases cortadas, exprimindo muito, mas deixando ainda mais a adivinhar; confrontações de nomes, que denunciavam uma historia inteira; duvidas formuladas, indicio de violentos e terriveis estados da alma; apostrophes impias, dictadas pelo desespero; canticos reverentes, inspirados pela resignação e pela fé...— de tudo se via alli. A elegia junto á ode; a saudade e logo após a esperança; o scepticismo que fazia estremecer a crença consoladora, expressos por todas as formas, concebidos dos modos mais variados, narravam eloquentemente a historia do coração humano nos mais solemnes momentos da sua vida tumultuosa e apaixonada.

partiu ella a direito por entre as urzes do monte, correndo sempre, descalça, com a cabeça nua, os cabellos esparsos, como uma louca! Arrostou todos os perigos; e nos pontos mais tenebrosos do pinhal, esperava um instante que o fuzilar de um relampago lhe illuminasse o caminho.

Correu mais de meia hora antes que chegasse á estação de Modivas. A'quella hora, ainda as portas estavam fechadas. A mulher bateu, pedindo que lhe abrissem. O telegraphista, quando viu aquella desgraçada assim, com a roupa collada ao corpo, mal podendo respirar, e apertando convulsamente o filho contra o peito, mandou-a entrar, e deu-lhe um banco em que se sentasse.

A viuva contou com uma voz offegante de cansaço e de pavôr os destroços que havia na estrada; e, só depois, é que olhou para o filhinho. Estava tão sereno, tão lindo, tão tranquillo, sem chorar e sem gemer, como se estivesse dormindo aconchegado ao calôr do seio da mãe!

Mas quando depois o beijou e o quiz accordar, é que a infeliz viuva reparou que o filhinho estava morto!

E n'esse dia, para que não morressem passageiros, para que se não damnificasse o material, o comboio não partiu do Porto, porque o chefe da estação fôra prevenido a tempo dos destroços que o temporal causára na linha.

GRAZIEL.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

CARTAS Á FILHA

D. Clara dirige-se assim a uma filha que está em vesperas de casar:

«Precisas de começar por escolher o ninho em que tens de viver com teu marido, não contando só comtigo e com elle, mas preparando-o desde já para receber um dia *um menino de França*, recepção que mais legitimamente deves ambicionar, depois de teres contrahido o matrimonio.

Escolher, disse eu! Poucos são os que se podem permittir este luxo: umas vezes é o aluguer de uma casa muito elevado em relação com os rendimentos que possuimos; outras vezes, fica muito distante do bairro em que o marido tem de ir todos os dias tratar dos seus negocios; esta fica longe da familia, aquella muito affastada do centro da cidade.

Só os millionarios se podem rir das distancias e das despezas.

És, pois, forçada, por uma série de circumstancias, a contentar-te com o que apparece.

Mas, pelo menos, d'entre quatro ou cinco casas que pódes livremente escolher, decide-te pela que melhor corresponder ao genero da vida que vaes ter, e trata de tirar d'ella o melhor partido.

Deves saber que a exposição de uma casa ao nascente é a melhor; a outra face fica necessariamente exposta ao poente. Dir-te-hei mais tarde como, em relação á exposição da casa, deves distribuir as diversas salas e quartos. Se tiverem estas divisões janellas para o sul e até uma ou duas para o norte, melhor será, comquanto isto seja bastante difficil de encontrar nos quarteirões das ruas mais centraes da cidade.

Toda a casa deve ter os aposentos necessarios á vida, e eu desejarei que esses aposentos sejam vastos, arejados, com um pé direito de tres metros, pelo menos. Bem sei quanto é difficil reunir todas estas condições de salubridade ainda nos predios mais aperfeiçoados. Trata, pelo menos, de descobrir uma casa, cuja construcção tenha obedecido, tanto quanto possivel, ás prescripções da hygiene. Sendo necessario, não hesites em sacrificar á salubridade os requintes do luxo e da elegancia. No ultimo extremo, resigna-te com a distancia, se tiveres de escolher morada longe do sitio em que o teu marido tiver de ir para ganhar o pão quotidiano.

Uma habitação commoda, sem ser exposta a doenças, por mais simples que seja, proporciona sempre uma vida agradavel. Não estarás tu, como boa dona de casa, para lhe dar a vida, a animação e a graça, que toda a mulher bem educada sabe espalhar em torno de si?

Repito d'uma vez para sempre: Não estabeleças a tua casa levianamente. A fundação do *home*, como dizem os inglezes, merece as mais sérias meditações. É essencial que te encontres bem installada, que o teu marido sinta confortavel a casa, e que os teus filhos, quando os tiveres, gostem tambem de a habitar.

N'outra carta te falarei d'este assumpto, em que tenho meditado profundamente, auxiliada pelos prudentes conselhos da Baroneza Staffe.

Era mais do que curiosa a leitura d'aquelle album singular; era instructiva e altamente philosophica.

Se se pudessem reunir todos esses fragmentos dispersos, completar as phrases interrompidas, preencher as lacunas, adivinhar o nexo mysterioso de certas idéas, apparentemente sem relação logica que as fizesse dependentes, ter-se-hia instituido um profundo estudo psychologico e a mais perfeita analyse dos affectos que dominam a existencia do homem.

Por mais do que um motivo se tornava pois curioso o logar, onde as exigencias da narração me obrigaram a transportar imaginariamente o leitor.

III

Rompera alegre a madrugada de um dos mais bellos dias do outomno.

O orvalho gottejava ainda das folhas das arvores sacudidas pela briza matinal, e as gôttas limpidas e oscillantes parecia metamorphosearem-se em rubis, saphiras e esmeraldas ao refractar os raios da luz solar.

Era encantador o aspecto da collina n'aquella manhã; semelhava a donzella que, brincando, desenfiou o seu collar de brilhantes e os soltou em desordem pelos cabellos, pelo seio e pelo regaço, d'onde, ao menor movimento, lhe rolam até cahirem no chão.

Os primeiros calores do dia erguiam já dos valles o sendal de nevoas que os envolvera, e, dissipando-as na atmosphera, temperavam de tintas mais suaves o azul escuro do céo.

Sobrepostas as serranias que limitavam o horizonte, divisavam-se grandes massas de nuvens, cujos reflexos a luz oriental lhes dava a apparencia dos altos gelos que corôam as cristas das montanhas

Illudidas por estes simulacros de primavera, as proprias plantas pareciam renascer. A seiva affluia-lhes de novo aos ramos despidos, e desenvolvendo-lhes os gomos, revestia-as de folhas, desabrochando-lhes os botões enfeitava se de flôres, e os insectos, surgindo uma vez ainda do lethargo insipiente, adejavam em torno á corolla humedecida que lhe patenteava os nectarios.

Sorria a natureza ainda, mas havia o que quer que era meigo e melancholico n'aquelle sorrir. Eram como as alegrias placidas do enfermo, victima de uma doença fatal, a quem a mais ephemera remissão faz conceber os prazeres da convalescença, mas sem que o possa illudir

Ameaças permanentes no meio d'esta tranquillidade geral, eram, no horizonte, as nuvens, como aguardando só por um signal para invadirem o espaço, e um rumor longiquo e monotono que de quando em quando os ventos traziam aos ouvidos, como o grito de fera aprisionada — a voz prophetica do mar pregoando tormentas durante a bonança que momentaneamente reinava.

A vida do campo manifestava-se toda nas eiras e nos celleiros, onde se enthesouravam as riquezas do lavrador.

Risos, cantares, vozerias confusas, com que por toda a parte na planicie se acompanhavam os differentes trabalhos das colheitas, chegavam, como mal distincto borborinho, ao alto da collina, onde em compensação reinava o silencio solemne e imponente, silencio não absoluto, porque falam os bosques e as torrentes, porque falam as aves e os insectos; mas em que se não ouve a voz humana — o silencio da solidão.

BIBLIOGRAPHIA

FRADES E FREIRAS

Lino d'Assumpção acaba de publicar uma valiosa collecção de chronicas monasticas, a que deu o titulo de *Frades e Freiras*.

Tendo sido obrigado, no desempenho das suas funcções de bibliothecario, a percorrer alguns conventos do paiz, foi observando factos e colligindo informações, que lhe proporcionaram assumpto para escrever um volume.

São deveras curiosos os casos que Lino de Assumpção descreve e commenta no seu livro; mas o que sobretudo nos encanta é o primôr da fórma, tão portugueza de lei, e que tanto se presta acs assumptos de que trata. E é isto, sem duvida, uma das qualidades mais interessantes e que mais recommendam o novo livro de Lino d'Assumpção. Agora, que tanto e tão mal se está por ahi escrevendo, umas vezes por ignorancia da lingua, outras vezes no proposito firme e barbaro de amesquinhar as suas bellezas, um livro como este a que nos referimos torna-se digno da mais lisongeira acceitação.

Diz o auctor no prologo:

«Tenho observado que não ha nada que desperte a curiosidade mundana como um interior de um mosteiro.»

E realmente assim é. O aspecto melancholico d'aquellas enormes paredes, ennegrecidas e meio carcomidas já pelo decurso e injurias do tempo, e a dentro das quaes a luz do sol entra coada pelas rêxas, desperta sempre uma extraordinaria curiosidade.

A lenda popular e o texto das velhas chronicas aguçam ainda mais essa curiosidade, tranformando-a n'um desejo constante de desvendar todo o mysterio que as paredes de um mosteiro encerram.

Não se percorrem aquelles longos corredores sombrios e desertos, nem se entra n'aquellas cellas hoje abandonadas, com o espirito indifferente. Accode-nos logo á lembrança um ou outro caso, registado na chronica ou conservado na phantasia da tradição popular. As scenas de amor, de galanteria, de sacrificios, as heroecidades e os crimes, todos estes dramas emfim, que ali se passaram, resurgem na nossa imaginação, quando hoje entramos n'um convento.

No livro de Lino d'Assumpção ha uma copiosa collecção de todos esses casos colhidos nos principaes conventos do paiz, e que o auctor narra n'uma fórma devéras attrahente.

Anniversarios da semana

Domingo 25 — As sr.as: D. Joanna Stubbs de Vasconcellos, D. Maria Augusta Salema Garção, D. Maria Henriqueta Guerreiro de Sousa Magalhães, D. Carlota Emilia Abecassis Monteverde, D. Anna de Menezes, D. Adelina Rosa Ribeiro da Costa, D. Maria Angelica Cabral de Aquino Mascarenhas.

E os srs.: Visconde de Moser, Francisco Maria Falcão Cotta e Menezes (Azevedo), José Mendes Maldonado Pedroso.

Segunda-feira 26 — As sr.as: D. Julianna Josepha Virgolino Freire de Andrade, D. Christina Borges.

E os srs.: D. Miguel Vaz d'Almeida.

Terça-feira 27 — As sr.as: D. Amelia Carlota Monteverde, D. Maria das Dôres Simas, D. Benilde de Moraes e Kruz, D. Julietta Gonçalves de Freitas Forjaz de Sampaio, D. Virginia Amelia Blanc e Osorio.

E os srs.: Visconde de Fragazella, Antonio Maria da Horta Machado (Alte), Francisco Sodré Pereira, João Simões de Almeida, João Damaso da Costa Moraes.

Quarta-feira 28 — As sr.as: Viscondessa de Alves de Sá, D. Maria da Graça Siqueira Freire (S. Martinho), D. Thereza de Oliveira (Barcellinhos), D. Carolina Pessoa de Amorim, D. Maria Joanna da Camara.

E os srs.: Marquez de Graciosa, Conde de Restello, Visconde de Negrellos, José Henriques de Castro e Solla (Francos).

Quinta-feira 29 — As sr.as: Baroneza de Cascaes do Douro, D. Thereza da Costa e Silva (Ovar), D. Guilhermina Afflalo, D. Marianna Emilia Ferreira de Sousa Carvalho, D. Constança Miquelina Torres.

E os srs.: Conde de Sampaio, José Antonio Gomes Lages, D. José da Cunha de Mendonça e Menezes (Castro Marim).

Sexta-feira 30 — As sr.as: D. Carolina Pery de Linde dos Santos Almeida e Reis, D. Christina Forbes, D. Marianna Ritta da Costa Sousa Feyo Alves, D. Maria Barbosa de Oliveira Martins, D. Carlota Pereira de Vasconcellos.

E os srs.: Visconde de Villa Nova da Rainha, Joaquim Trigueiros Pestana Martel, Joaquim Pedro da Cunha Menezes (Lumiares), Tanoredo Caldeira.

Sabbado 1 — As sr.as: Viscondessa de Guedes Teixeira, D. Maria

---

De facto a collina podia dizer-se deserta.

Era cêdo ainda para o passeio matinal da pequena colonia de enfermos que a habitava.

O doutor Jacob Granada recommendava-lhes que evitassem os nevoeiros da manhã, e poucos ousariam infringir as ordenações do velho medico, que no tocante a execução dos seus preceitos dava provas de uma intolerancia despotica.

Jacob Granada era um d'estes homens singulares, que desde a primeira entrevista nos deixa uma impressão profunda e indelevel, e cujo trato continuado, a não se lhe oppôr convenientemente uma vontade inflexivel e uma grande força de caracter, tende a dar-lhe um predominio tal sobre os animos, que difficil é mais tarde subtrahir-se qualquer, que por algum tempo se lhe sujeitou, a tão poderosa influencia.

Se o poder magnetico tal como o concebem os mais credulos e ardentes apologistas da phantastica arte de Mesmer, fosse uma realidade e não uma simples creação de visionarios, decerto possuiria Jacob Granada essa faculdade superior no gráu mais elevado.

A innegavel influencia moral de caracteres como estes sobre os menos rijamente temperados explica, e até de alguma sorte justifica, a origem d'essa singular doutrina, que a aura popular, favoravel a todas as idéas novas e extravagantes, tão extraordinariamente propagou.

Em Jacob Granada auxiliava ainda a influencia d'essas qualidades moraes, um conjunto de caracteres physiognomonicos, que não podia deixar de ferir a imaginação menos sujeita a impressões d'esta ordem.

Os lineamentos predominantes da raça israelita, da qual a familia d'elle originariamente procedia, desenhavam-se-lhe accentuados nas feições angulosas e expressivas, imprimindo-lhes um cunho de nacionalidade, cuja interpretação não podia enganar.

Sobre a fronte, estreita mas elevada, alvejavam-lhe em raras e desordenadas madeixas, as mais formosas cãs que ainda adornaram a cabeça do ancião. Os labios delgados e deprimidos nos angulos por contracção habitual, denunciavam longos habitos de reflexão e de reserva, que effectivamente lhe estavam na indole. No nariz havia completa e absoluta conformidade com o do typo judaico, e os olhos pequenos, mas de uma vivacidade de fogo, exprimiam a intelligencia e subtileza de espirito, que um conhecimento ulterior não desmentia n'elle.

Era excessivamente magro e um tanto curvado pelas fadigas do estudo e pelo peso de sessenta annos de vida trabalhada por incessantes esforços physicos e intellectuaes; não obstante, nunca deixara de observar os mesmos habitos laboriosos, que eram já para elle imperiosa necessidade.

Ao romper do dia o jornaleiro encontrava-o nos caminhos com o vestido negro e singello, no qual conseguia combinar certa severidade com um não estudado desalinho, e correspondendo sempre ás saudações por uma phrase invariavel, ou um simples e distrahido movimento de cabeça.

JULIO DINIZ.

(Continúa).

Julia Falcão Cotta e Menezes (Azevedo), D. Maria Anna Pereira Coutinho, D. Gertrudes Alves de Proença Vieira, D. Maria do Livramento de Liz Quintella, D. Leopoldina de Moraes Pinto, D. Maria Eugenia Rodrigues Vieira, D. Elvira Augusta de Oliveira.

E os srs.: Thomaz Ribeiro, Antonio de Almeida Soares de Lencastre (Alemquer), Francisco Quintella Cardoso e Sá, Antonio Talone da Costa e Silva, Luiz Adolpho de Sommer.

EPHEMERIDES SEMANAES

17 — Jantar offerecido pelos agronomos portuguezes em honra do agronomo francez Mr. Louis Grandeau, no hotel *Bragança*.

19 — Celebra-se o casamento da sr.ª D. Maria Leonor dos Anjos com o sr. Carlos Diniz.

— Apresentação na camara dos deputados do projecto de direito de reunião.

20 — Realisa-se a primeira sessão nocturna na camara dos deputados.

— E' approvado o orçamento do ministerio da justiça.

— O reverendo abbade de S. Pedro de Maximinos, deputado por Braga, pronuncia na camara um longo discurso, pedindo em nome de 37 mil pessôas o restabelecimento das ordens religiosas.

21 — E' approvado na camara dos deputados o orçamento do ministerio da marinha e ultramar.

— Sua Alteza o Principe Real toma posse do commando do batalhão de alumnos do collegio militar. A' ceremonia assistem Suas Magestades El-Rei e a Rainha.

22 — O *Diario do Governo* publica uma portaria suscitando o cumprimento do decreto de 13 d'abril sobre a sellagem dos phosphoros.

— E' approvado em sessão nocturna da camara dos deputados o orçamento do ministerio das obras publicas, commercio e industria.

23 — Sua Magestade El-Rei, acompanhado pelo ministro da marinha, assiste a bordo da fragata *D. Fernando* aos exercicios de tiro.

José das Kalendas.

THEATROS E CIRCOS

Real Colyseu

O grande attractivo das ultimas funcções tem sido a agitada e apparatosa pantomima, intitulada *Glorias de Hespanha*.

Passa-se a scena no campo da batalha, entre o exercito de Castella e o exercito do sultão invasôr. E assim entram as tropas hespanhollas, as tropas arabes, infanteria e cavallaria, dando-se na arena, que de certo quer representar um valle, os mais encarniçados recontros, em que se agitam, n'uma confusão indescriptivel. as negras barretinas dos christãos e os brancos albornozes dos infieis.

Durante meia hora, o espectador vê passar deante de si, n'uma douda correria, o exercito arabe e o exercito hespanhol, qual perseguidôr, qual perseguido, qual derrotado, qual triumphante, sem mesmo chegar a perceber a qual dos dous cabem os louros da victoria! Mas essa ignorancia não diminue o interesse, antes pelo contrario!

O publico, e principalmente o que occupa as bancadas da geral, tem momentos em que estremece de enthusiasmo, em que se sente bellicoso; e, tomando a pantomima a sério, rompe em calorosos applausos, sempre que assiste á victoria do hespanhol sobre o arabe! Nos lances mais patheticos, em que se representam os classicos episodios da guerra, tal como a heroica abnegação de uma vivandeira, o denodo do official, que arrisca a propria vida para deffender a bandeira nacional, a agonia do cavallo moribundo, os espectadores mais sensiveis commovem-se até ás lagrimas!

No fim, como é de esperar, o triumpho cabe ao soldado christão, que n'uma prolongada peleja, á porta de uma fortaleza, abate aos pés a audacia do exercito infiel.

Toca-se o hymno de Riego, desfralda-se no palco a bandeira castelhana, e a pantomima termina entre os mais vivos, mais fervorosos e mais enthusiasticos applausos do publico.

O resto do espectaculo é constituido pelos trabalhos da illucionista Dicka, pelos equilibrios da linda gymnasta Emma Gauthier e pelos graciosos exercicios da amazona Gabrielle Demansy.

Quem d'ali não sahir satisfeito, é porque é demasiado exigente.

*

Colyseu dos Recreios

A companhia italiana entrou com o pé direito.

Desde a noite da sua estreia até hoje, as ovações aos principaes artistas contam-se pelas recitas.

Distinguem-se pela graça com que representam e pela correcção do canto as sympathicas irmãs Elena e Adelina Tani.

Na peça phantastica intitulada *Flik-Flok*, que subiu á scena na quinta-feira, Elena Tani teve ensejo de mostrar que, além dos dotes artisticos que possue com actriz, é uma elegante e primorosa bailarina.

O publico, que a viu e admirou, applaudiu calorosamente a graciosa cantora.

Elena Tani tem effectivamente qualidades que despertam a mais sincera e mais cordeal sympathia. É tão engraçada, tão espirituosa, tão viva e tão feliz nas replicas com que corresponde aos ternos madrigaes, que os adoradores apaixonados lhe arrulham á porta do camarim, que estamos certos não causará a mesma guerra, que uma outra Helena, fez, por causa da sua formosura, rebentar na Grecia. E antes assim.

Os namorados lá vão soffrendo e chorando em segredo as suas maguas!

*

Praça de touros

E' hoje que na praça do Campo Pequeno se realisa a tourada, em beneficio das officinas de S. José, promovida por uma commissão de senhoras, presidida por S. M. a Rainha.

Serve de intelligente n'esta corrida o distincto *sportman* Visconde da Assêca.

São cavalleiros os srs. D. Luiz do Rego, D. Antonio de Siqueira (S Martinho) e Visconde da Varzea.

Os bandarilheiros e moços de forcado são todos distinctos amadores.

Deve ser esta corrida uma das mais brilhantes da epocha, e que maior concorrencia deve attrahir.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio**. **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1